

DEUS OU O DIABO NA TERRA DO SOL, DO VENTO E DA CHUVA

Maria Aparecida Ribeiro

UERJ-Letras

LOPES, Manuel. *Os Flagelados do vento leste*.
São Paulo, Ática, 1979.

Uns as percebem como exóticas, outros as imaginam uma bandeira em favor da negritude; há os que as declaram inexistentes e os que, ao ouvir falar em literaturas africanas de língua portuguesa, ignorando a diversidade e a independência de Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe, percebem o nome como singular.

Os Flagelados do Vento Leste vem mostrar o quanto pode o regional ser universal, documento que é do desamparo das ilhas de Cabo Verde, à mercê do sol, da chuva e dos ventos, sem que o Governo (no caso, o de Salazar) delas se dê conta. Sem defender ou acusar, firma, pelo silêncio, uma postura anticolonialista e antifascista e afirma sua caboverdianidade no tema, nas personagens, na paisagem, no português prenhe de crioulistos e, principalmente, na perspectiva solidária do narrador.

Premiado quando de sua primeira publicação, em 1960, já foi traduzido na Ucrânia e reeditado em Portugal por duas vezes (1980 e 1985), tem como autor um dos três fundadores da *Claridade*, revista que, em 1936, inaugurou um movimento de resgate e registro das raízes de Cabo Verde, no qual a orientação, como já referiu Pires Laranjeira (*Literatura Calibanesca*. Porto, Afrontamento, 1985), tem como síntese a frase que José Martí aplicou a Cuba: "O mestiço autóctone venceu o crioulo exótico".

Comparado a *Vidas Secas*, a *O Quinze*, e a *Canaã*, *Os Flagelados do Vento Leste* com eles só tem em comum a temática. É verdade que os participantes da *Claridade* mantiveram com o

Brasil de Jorge Amado, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Gilberto Freyre estreitas relações e as páginas da revista, em suas duas séries, documentam esse ir e vir de informações. Mas daí a identificar fio a fio da intertextualização...

Usando ora a técnica de cortes, a fim de não deixar escapar nenhum acontecimento importante, ora fazendo como que um passeio de câmara, para fornecer ao leitor uma visão panorâmica, o narrador também se vale do “close” e chega a penetrar o pensamento das personagens fundindo-o com o próprio discurso. Tal modo de narrar, somado ao testemunho das próprias personagens, como o das cartas de Maria Alice, que faz as vezes de um segundo narrador, constrói um realismo contundente, cuja tensão só é aliviada pelo olhar lírico por vezes lançado à paisagem e às atitudes das personagens.

O livro inteiro, uma luta “Contra os elementos negativos. Contra os inimigos do homem. A luta silenciosa, de vida ou de morte.” Entre as possibilidades da terra-mãe, à qual o homem se une, e a chuva, o vento, o sol, “desígnios de Deus”, se trava o combate, porque “o dever do homem é lutar contra esses desígnios”. De um lado, as forças da Natureza; de outro os habitats do norte da Ilha de Santo Antão. Nestes, entretanto, “o Destino entrelinha-se a escrever um pensar diferente”. Havia os que, soando a hora certa, viravam “daninhos” como o Saltapetra, cujos pés não deixavam sinal como os pés dos outros homens; os “sem-coragem”, receosos do castigo do céu, embora duvidando, no fundo, da palavra de Deus; os que se preocupavam mais com a vida alheia e com o fazer o mal, como a viúva Aninhas, tida como bruxa; “os mascarados”, nômades, que viviam do roubo aos jornaleros; e os “corajosos e voluntariosos”, como o Manuelinho, o João Felício e, sobretudo, José da Cruz, “homem de bom pensar e de bom conselho, de sacrifício cotidiano; dessa raça de gente direita”, para quem “Andar no caminho ruim é melhor que andar fora do caminho”.

Além da luta contra a natureza, há, portanto, a do homem contra o próprio homem. Nem é a do empregado contra o patrão, quase omitido e sempre omissos, mas de abandonados contra abandonados, dos quais, se diz, numa atitude naturalista, “cada um tinha razão, levando a vida consoante a criação de sua alma”. De um lado, os bons, da casta de José da Cruz; de outro, os que, como Leandro, já tinham da vida uma cicatriz no rosto e na alma — mas a fome trazendo à tona, o avesso de todos. A professora generosa se mostra mesquinha; Zepa

deseja um produto que sabe roubado e desrespeita a palavra do marido; João Felício tenta furtar.

Homem, mulheres e crianças têm de trabalhar, na escassez e na fatura; a enxada é a arma de todo minuto — “homem nasceu pra consertar o que está estragado”. Esse conformismo porém é aparente. José da Cruz não se deixa abater facilmente e passa do sonho à obra; acredita na chuva e inicia o plantio. Assim também Zepa, para quem “a vida era uma só e era isto: arranjar jeito, garantir a cachupa para aquelas bocas”.

Num artigo pró-Claridade, em que se refere a dois livros de Jorge Barbosa, Amílcar Cabral (*Cabo Verde* (boletim de propaganda e informação), Cabo Verde, nº 28, 1952) escreveu que em Cabo Verde “as árvores morrem de sede, os homens de fome — e a esperança nunca morre”. É essa mesma esperança que, ao lado do amor, existe nas páginas de *Os Flagelados do Vento Leste*. É ela que mantém de pé João Felício, Manuelinho e Zepa, liderados por José da Cruz, entre a chuva, a lestada e o flagelo. Idos os amigos e morto um filho, José da Cruz ainda espera. Só a queda da pedra, levando para o abismo a mulher Zepa, os pilares e a levada — trabalho seu e dos companheiros — o faz perder a fé, o rumo e retirar. José da Cruz morre abraçado a um tamarineiro, a árvore mais forte da região. O que o mantinha de pé, objetos do seu amor — terra, mulher e trabalho — desaparecidos, levaram-lhe também a esperança. Excluído do afeto do pai, só o amor por Libânia tira Leandro da “cidade do silêncio”. Amor e esperança dominam a cena final do livro: para Libânia, um novo companheiro: contra a natureza adversa, um gesto de repulsa.

Acusado de evacionista por Onésimo Silveira, que vê nessa esperança um conformismo e uma fuga à luta, *Os Flagelados do Vento Leste* combate na linha de pensamento de Henri Barbusse que, aliás, lhe serve de epígrafe. A passividade das personagens e a esperança que delas brota, em contraste com o abandono, denuncia sem acusar, e leva o leitor a indagar-se: — Onde os responsáveis? Ou a dizer como Nhô Lourencinho: “Algo está errado no meio disso tudo.”